



ESTADO DE SERGIPE
PROCURADORIA GERAL DE JUSTIÇA
**COORDENADORIA DE COMUNICAÇÃO
RECORTE DE JORNAIS**

ARACAJU, SEXTA-FEIRA, 4 DE ABRIL DE 2014

JORNAL DA CIDADE

ENTREVISTA | LYCIA DINIZ

“Huse é um desafio”

André Moreira



NOVA gestora do hospital diz que a primeira medida tomada será a Comissão de Controle de Infecção Hospitalar

“TALVEZ SEJA UM DOS MAIORES DESAFIOS DA MINHA VIDA”. A AFIRMAÇÃO É DA MÉDICA LYCIA DINIZ, 54 ANOS, EMPOSSADA ONTEM PELA MANHÃ NA SUPERINTENDÊNCIA DO HOSPITAL DE URGÊNCIA DE SERGIPE (HUSE). COM ESPECIALIDADE EM CIRURGIA GERAL, LYCIA DINIZ É SERVIDORA CONCURSADA DO HUSE DESDE 2002 E JÁ PASSOU POR DIVERSOS CARGOS DENTRO DA INSTITUIÇÃO. ELA CONTOU QUE AO RECEBER O CONVITE DO GOVERNADOR JACKSON BARRETO PARA ADMINISTRAR O HOSPITAL ELE AFIRMOU QUE LYCIA IRIA CUIDAR DE UM MONSTRO, POR CAUSA DA COMPLEXIDADE. “É REALMENTE UM MONSTRO, MAS SABEMOS COMO DOMÁ-LO”, GARANTIU. LYCIA ESPERAVA ALGUM DIA ASSUMIR A SUPERINTENDÊNCIA DO HUSE, POR ISSO SE PREPAROU ANTES. “QUANDO ME VI EM CARGOS, COMO DIRETORA CLÍNICA, FIZ CURSO DE GESTÃO EM MBA EMPRESARIAL NA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS (FGV) E GESTÃO CLÍNICA NO HOSPITAL SÍRIO LIBANÊS”. A MÉDICA DIZ QUE TEM O APOIO DOS SERVIDORES, POIS FOI ELEITA PELO CORPO CLÍNICO PARA DIRIGI-LO COM 87% DOS VOTOS.

Antônio Carlos Garcia
DA EQUIPE JC

► **JORNAL DA CIDADE** – É um desafio para a senhora gerir o Hospital de Urgência de Sergipe, a partir de agora?

LYCIA DINIZ - Esse talvez seja um dos maiores desafios da minha vida, porque é um hospital de muita complexidade. O governador Jackson Barreto, quando me convidou, disse que isso aqui era um monstro e é realmente um monstro, mas nós sabemos domá-lo. Temos feito um trabalho bonito aqui dentro, apesar de não parecer, porque a superlotação mascara o que tem sido feito. Tem investimento no governo na infraestrutura e os processos de trabalho têm melhorado muito. Eu espero com a minha gestão que possamos, agora, não mais apagar fogo, mas dar continuidade aos trabalhos que temos desenvolvido e que isso fique claro para a sociedade. São trabalhos menores, que ficam escondidos, mas que dão efeito muito grande, principalmente a segurança do paciente, o cuidado com o paciente crônico.

► **JC** – Certa vez, o então governador Albano Franco quis passar o Huse para a Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mas o reitor, à época, José Fernandes Lima, decidiu que não queria. Ele não usou a palavra monstro para nominar o hospital, mas que o Huse era uma bronca muito grande. Então, como é administrar uma unidade problemática, alvo do Ministério Público Estadual (MP)? Até porque, a ideia que se tem é que o MP cuida mais da saúde do Estado do que seus próprios gestores.

► **LD** – Na verdade, quando falamos de monstro nos referimos à complexidade. A universidade, para fazer um hospital, tem que se preocupar com o conhecimento e ensinamento dos alunos. Aqui tem que ser rápido, é de urgência e emergência. O paciente que chega aqui precisa ter um atendimento rápido e a saída dele também. Aqui não é um hospital para fazer ciência, apesar de termos aqui residentes, mas nosso foco principal é dar o melhor atendimento possível, no menor tempo possível. Se não, vamos travar mais esse hospital. Talvez tenha sido por isso que o reitor falou em não querer, por não compatibilizar bem o Huse ser um hospital universitário.

► **JC** – E as constantes ações do MP?

LD – Essa questão do MP é porque ele é demandado, às vezes, pelos próprios funcionários, pelos pacientes, isso é subjetivo. Nós podemos dar o melhor tratamento ao paciente, mas não temos o conforto do acompanhante. Isso fica a desejar porque a superlotação é muito grande e isso causa desconforto nas famílias, nas condições de trabalho dos funcionários e aí gera esse tanto de coisas que chega ao MP. Mas os processos todos estão sendo seguidos, resolvidos, sem onerar o Estado por causa do Huse. Muito pelo

contrário, isso demonstra que estamos fazendo tudo corretamente.

► **JC** – Qual a primeira atitude da senhora como superintendente?

LD – Será colocar em funcionamento a comissão de controle de infecção hospitalar, que, na verdade, hoje é um serviço de epidemiologia que precisamos trabalhar na segurança do paciente. São os protocolos de segurança do paciente que vamos trabalhar mais ainda, que envolve a nutrição, medicação, cuidados na higiene, evitando quedas e ferimentos. Nós vamos trabalhar com esse patamar, de palição dos pacientes crônicos, enfim de todos. A infraestrutura está pronta e nós precisamos apenas melhorá-la. A parte de equipe já está pronta, maravilhosa, cada um seu lugar. Agora é botar para frente e acabar com isso de apagar fogo.

► **JC** – A senhora administra uma pequena cidade, com um orçamento significativo.

LD – O custo desse hospital é de quase R\$ 25 milhões. Nós temos quatro mil funcionários, são 1.200 por dia, nas 24 horas, são 600 médicos, então é realmente uma cidade. Temos quase 500 leitos, mas são cerca de 15 mil atendimentos por mês. Mas é que uma parte fica internada e outra vai embora.

► **JC** – A senhora, ao assumir este cargo, não teme um desgaste de sua imagem? Pergunto isso porque qualquer coisa negativa que venha a acontecer, como morte de pacientes, por exemplo, recairá sobre a superintendente. Como a senhora tratará isso, para que não tenha desgaste na sua imagem pessoal e profissional?

LD – Já tenho nove anos na gestão. Fui diretora Técnica e Clínica várias vezes e isso não me incomoda mais. O que importa para mim foi bom trabalho que já desenvolvi, o meu nome está na sociedade como uma gestora correta, até hoje não há nada errado que eu tenha cometido, já tive muitos problemas, passei por dificuldades, inclusive na Justiça, por defender o hospital. Então, não tenho mais preocupação com isso. Quem me conhece sabe que o meu lema é cuidar bem do paciente. Eu espero que a justiça divina seja feita.

► **JC** – Como foi o seu processo para chegar até a superintendência? Como foi o convite do governador?

LD – Foi um processo longo. Eu já esperava ser gestora desse hospital há dois anos, quando o doutor Francisco Claro saiu. Mas é um cargo político e com a convivência da nova gestão comigo, vendo meu trabalho no pronto-socorro, que eu coordenava, vendo minha maneira de trabalhar, a reivindicação dos próprios funcionários, então acredito que foi por isso. Foi meu trabalho.